

"GLORIA VICTIS - AINDA QUE TARDE!" PELO RECONHECIMENTO DE SANTIDADE DE SÃO SEPÉ TIARAJU

**"GLORIA VICTIS - EVEN THOUGH IT IS LATE!
FOR THE RECOGNITION OF THE HOLINESS
OF SAINT SEPÉ TIARAJU**

Luiz Carlos Susin

Frei Capuchinho, licenciado em Filosofia e Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Professor e pesquisador no programa de pós-graduação em Teologia da Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana de Porto Alegre. Entre suas publicações está um ensaio sobre o Negrinho do Pastoreio e alguns artigos sobre São Sepé Tiaraju e a identidade gaúcha.

*"Se queres ser universal,
Começa pintando a tua aldeia"*
Liev Tolstoi

RESUMO:

O artigo pretende apresentar as razões que fundamentam a santidade do indígena guarani Tiaraju, conhecido popularmente como "Sepé Tiaraju". Recorre, para isso, à complexidade do contexto da época, tendo como critério de interpretação a postura ética diante das responsabilidades que lhe cabiam e o preço de sua defesa das cidades missionárias, a sua morte em combate. O artigo situa a figura de Tiaraju na história complexa e conflitiva do Rio Grande do Sul, acentua a importância, de modo especial para a Igreja Católica, do reconhecimento de sua santidade em termos de dignidade do povo que guarda

sua memória, o povo gaúcho miscigenado que tem muito de herança indígena, bem como para um melhor tratamento da cultura gaúcha, superação de conflitos que poderá, então, se tornar um real "modelo à toda a Terra" (hino rio-grandense).

PALAVRAS-CHAVE:

São Sepé. Guerra guaraníca. Gaúcho.

ABSTRACT:

The article intends to present the reasons that justify the sanctity of the indigenous Guarani Tiaraju, popularly known as "Sepé Tiaraju". To do so, it uses the complexity of the context of the time, having as a criterion for interpretation the ethical posture in the

face of his responsibilities and the price of his defense of the missionary cities, his death in combat. The article places the figure of Tiaraju in the complex and conflictive history of Rio Grande do Sul, and emphasizes the importance, especially for the Catholic Church, of the recognition of his holiness in terms of dignity to the people who keep his memory, the mixed-race people who have much of indigenous heritage, as well as for better treatment of the gaucho culture, overcoming conflicts that may it become a real "model for all the Earth" (Rio Grande do Sul hymn).

KEYWORDS:

São Sepe. Guaranitic War. Gaucho.

A América Latina ou simplesmente as Américas, antes ainda de Colombo e de Cabral portavam variados e belos nomes, como *Abya Yala* - terra em florescimento – segundo o povo Kuna na região do Panamá; ou então *Pindorama* - terra das palmeiras – dos povos tupis-guaranis do litoral brasileiro. Mas vieram os colonizadores, escravizaram ou simplesmente entregaram os povos originários ao genocídio, e trouxeram escravizados milhões de africanos, e a partir deste “Novo Mundo” tiveram os insumos – algodão para tecidos, açúcar de cana, café, milho, cacau, batatas, tomate, etc, para o comércio e a indústria que modernizou a Europa. Mas sobretudo muito ouro e muita prata para as finanças e os esplendores barrocos dos palácios europeus. A teologia verdadeiramente cristã, aqui, começou com o grito de protesto de Antônio de Montesinos no sermão do quarto domingo de Advento de 1511. E desde então é a dor, a resistência, a esperança, que dão o que pensar teologicamente. São os rostos dos que hoje andam pela periferia das cidades em ônibus lotados os que se tornam “lugar teológico”. A teologia, antes de pretender saber algo da Deus, precisa humildemente buscar e escutar o lugar, o rosto, o evento desde

onde Deus revela algo de si mesmo. É assim que o Rio Grande do Sul, um precioso lugar entre tantos outros, tem dois rostos que podem ser perturbadores mas seu enigma porta a marca de Deus: o Negrinho do Pastoreio, na forma de uma narrativa, e São Sepé, o Tiaraju, um enigma histórico. São o enigma da inquieta identidade gaúcha e a prova de honestidade da teologia nestes pagos.

No bairro Teresópolis, em Porto Alegre, encontra-se a rua *Sepé Tiaraju*. As placas de esquina completam a informação: “corregedor indígena, defensor da terra missioneira”. Logo adiante, na rua, há um posto de gasolina com o nome: *Sepé Tiaraju*. E mais adiante uma lancheria: *São Sepé*. Há também uma escola, um CTG, uma praça: *Sepé Tiaraju*. E levantando o olhar para o mapa do Rio Grande do Sul, ou mesmo examinando-o por Internet, não há cidade de médio ou muitas inclusive de pequeno porte, que não tenham algo em seu nome, um assentamento rural em Viamão, um bairro em Santo Ângelo, uma vila em São Gabriel, até chegarmos a uma cidade inteira, no coração do Rio Grande, que o canoniza em seu próprio nome municipal, a cidade e o município de *São Sepé*.¹

¹ Veja-se a interpretação que lhe confere o hino da cidade:

Esta terra tem o ouro que encanta
E ufana a cobiça do estradeiro
Se maior é a relíquia deste povo
Que segura sempre o passo forasteiro

Bem pertinho, do coração
Do Rio Grande, vivo em ti
Amado **São Sepé**
Recebi no calor de teu abraço

Tanto afeto pra viver de amor e fé.

Lá na bica correm gotas de saudade,
Que beijando esta terra mais querida
Mas quem bebe um só gole de verdade,
Ganha o berço que o ama toda vida.

Tua alma é Praça das Mercês,
Tua gente luta sempre com entono
Corre ainda de São Sepé o sangue bravo
Pra dizer que esta terra já tem dono!

Acima das controvérsias políticas e das interpretações históricas viciadas pelo 3olhar luso-açoriano (em confronto histórico com o castelhano) que impediram a ereção de um monumento a São Sepé por ocasião do bicentenário de sua morte, na verdade chegamos aos 250 anos com diversos monumentos, placas, denominações públicas ou de iniciativa popular, e, sobretudo, o reconhecimento oficial de Herói Riograndense e de Herói Nacional. Ou seja, ao invés de diminuir, sua fama cresce! *O que deve ser tem força*. Mas por duas razões não se trata de um herói ao modo grego, narrado pelo vencedor e pela lógica do mais forte, que para isso estão nossas ruas e praças com nomes de coronéis e figuras ilustres da sociedade. As duas razões são claras: A primeira, a percepção popular difusa pelo Rio Grande é de que se trata de um “santo” ao modo dos santos católicos, e daqui ocorre o título mais original que lhe é dado com longa insistência: “São Sepé”. E segunda, porque de fato, politicamente e friamente, ele não foi um herói vencedor, foi vítima da política de dois impérios coloniais, juntamente com o povo pelo qual ele era responsável e pelo qual lutou e deu sua vida. Para a lógica dos vencedores, ele é, como o caso de Jesus, um “anti-herói”. A ele cabe bem a homenagem do francês Marius Antonin Mercié com sua dolorosa e serena escultura em memória dos jovens do levante de Paris em 1870: “*Gloria Victis*” (1874) - a vítima erguida por um anjo pronto para o voo, com olhar sereno lançado para um

horizonte mais vasto do que a miséria do poder do mais forte.

Melhor ainda, no caso de São Sepé: sua motivação foi profundamente cristã. Como a figura joanina de Cristo sereno em oferecimento de si na cruz transformada de suplício sob o poder mundano em trono de redenção. A cruz de São Sepé interpreta bem a dolorosa, perseverante e resistente memória popular do povo guarani vencido e disseminado de forma resistente na mestiçagem da população gaúcha, de alguma forma identificada com seu santo corregedor, São Sepé. *Gloria Victis*: reconhecimento já secular da cruz de Cristo, cujo sangue derramado sob a aliança de poderes em solo gaúcho tem se revelado um caminho de Páscoa, um *risus paschalis* do povo indígena originário, que é a raiz principal do verdadeiro gaúcho para quem decide conhecer sem preconceitos a história mais que milenar desta região do mundo.

A memória de santidade de “José”, seu nome cristão de batismo conservada no epíteto *Sepé*, está também tipificada em seu nome guarani “Tiaraju”, um autêntico nome bíblico-guaraní, com sentido pascal, nome que se tornou origem de uma narrativa hagiográfica ao estilo “edificante” como as lendas medievais de Santo Antônio e São Francisco ou da mais famosa *Legenda Aurea*. O nome *Tiaraju* significa, em língua guarani, “facho de luz”.² Segundo o poema do mais ilustre dos contadores de histórias populares, Simões Lopes Neto, o facho de luz, o Tiaraju é “o *lunar* de sua testa (que)

² A nomeação, segundo a explicação do psicanalista francês Jacques Lacan, é uma investitura, um exercício do poder e indício de uma dívida e uma missão. É um poder de designação de quem nomeia sobre quem é nomeado, dos pais sobre os filhos. Em ambiente cristão se consolidou o costume de dar ao recém-nascido o nome do santo do dia, se não como primeiro ao menos como um segundo nome, criando uma relação entre o santo e o nomeado. Em tradições indígenas, inclusive a guarani, é necessário discernir através do sonho, ou de outros sinais, geralmente feito pelo *karai*, o rezador e pai espiritual da aldeia, qual o nome do recém-nascido. Não está em poder de ninguém da aldeia a nomeação. Depois da cristianização dos guaranis, eles costumam ter o nome social segundo a cultura dominante e o nome guarani que é mantido em segredo.

tomou no céu posição!”. De tal forma que quem olha para o Cruzeiro do Sul nas noites abertas do RS vê ali seu altar irradiando desde o céu o que ele foi na terra: a vigilância, o juízo e a decisão, a luz de proteção do “corregedor” do RS – o prefeito, juiz e presidente do *cabildo* da maior das cidades de então, São Miguel das Missões. Como as demais cidades, cobiçada, caluniada e mal vista ao mesmo tempo por dois impérios, cidade guarani-cristã já há diversas gerações. Sepé era cristão católico de terceira geração. “Facho de luz”, em uma narrativa pascal como as que se encontram nos textos evangélicos, ele foi estabelecido anjo da guarda de um povo inspirado em seu próprio patrono celeste, São Miguel, e que por isso contava com Deus. De fato, a referência de sua missão de guia e luz até a luta trágica, foi Deus e seu Arcanjo Miguel, “que deram essas terras ao seu povo” segundo a convicção religiosa dos guarani cristãos. Por isso só eles – Deus e seu Arcanjo Miguel - poderiam deserdar os filhos desta terra. Esta afirmação conservada na memória narrativa revela a convicção e a motivação que consumou sua missão e sua “caridade política”(Evangeli Gaudium 205). A partida de São Sepé liderando seus companheiros para a defesa da vida do povo dessas sete cidades tem algo da partida de Jesus para Jerusalém à frente de seus discípulos, ao encontro inevitável de um embate desigual de deuses: o Deus do Reino de Deus, do direito e da justiça, da dignidade, em confronto com um deus do poder imperial português e espanhol, vampiros e sacrificadores coloniais sob o manto legitimador do sagrado cristão. Seu nome ligado ao “facho de luz” de sua testa, o “lunar” que brilhava nele desde seu nasci-

mento, segundo a narrativa, “enquanto seu corpo cai na terra, sobe aos céus e toma posição” (Simões Lopes Neto). Nos céus do sul, na ponta do Cruzeiro do Sul, permanece luz brilhante e orientadora. Tem um claro paralelo com a narrativa pascal, semelhante ao recurso com que os evangelistas contam as aparições brilhantes de Jesus. É, portanto, a narrativa da paixão, morte e ressurreição de um cristão guarani, *proto-gaúcho*, mártir ao lado dos três jesuítas mártires em meio aos mal-entendidos e injustiças da história, gaúcho diante do qual todo gaúcho está em dívida. Ele agora continua vigilante e protetor do povo que vive desguaritado pelos poderes da sociedade gaúcha, santo do povo sem importância e invisível aos olhos das classes bem-sucedidas. É o santo protetor da “opção preferencial pelos pobres” na história desta terra.

A memória dos sete povos missioneiros encontra-se de forma dolorosa e trágica como um *paraíso perdido* na visão sombria de Érico Veríssimo, em sua trilogia *O tempo e o vento*, na figura originária de Pedro Missioneiro. O jovem guarani missioneiro carrega consigo, na dispersão da catástrofe sob os exércitos coloniais, um crucifixo quebrado e um punhal, símbolos da expulsão de um paraíso originário e de uma queda original, um “pecado original” no destino paradoxal do Rio Grande do Sul. O crucifixo é mantido discretamente em oratório sob os cuidados da linhagem de mulheres de geração em geração, enquanto os homens manejam pelos campos a violência herdada, simbolizada no punhal, depois na arma de pólvora e no revólver, num Rio Grande belicoso de identidade inquieta: “Trato todo mundo com muito respeito, mas se alguém me pisar no pala, o meu revolver fala, e o bochincho está

feito!”, assim caracterizava o gaúcho nosso famoso compositor e cantor Teixeira.³

Nessa recuperação de memória e dignidade originária, resistente, escondida e envergonhada pela cultura dominante, antes de Érico Veríssimo, Simões Lopes Neto, na mais bela narrativa gaúcha - o “Negrinho do Pastoreio” –evoca sintomaticamente em uma frase, numa preciosa interpolação da memória, o juiz da carreira de cancha reta em que começam as desgraças do negrinho representante de toda uma população escrava sob o peso das charqueadas. Ao final da carreira, o juiz sentencia honestamente, ainda que ele mesmo esteja entre os perdedores da aposta. No dizer de Simões Lopes, o juiz “era um velho do tempo da guerra de Sepé Tiaraju, era um juiz *macanudo*, que já tinha visto muito mundo” (*sic*, no original). É assim, pelos rastros da cultura popular, das denominações, da literatura de fundo oral, que o povo reconhece o “rastro das almas” (Coelho Neto, na publicação do *Negrinho do Pastoreio*), e sabe por uma conatural empatia a respeito da santidade e do valor de pessoas que se tornaram seus reais heróis sem o triunfalismo da história dos vencedores: *gloria victis*, ainda que nas catacumbas verdes do pampa gaúcho. Por isso o povo simples do Rio Grande já tem Sepé Tiaraju como santo, com seus cânones de *sensus fidei* e seus critérios de santidade e de martírio: São Sepé combateu pela vida do povo e deu a sua própria vida por isso, que não

pode ser em vão, porque é de Deus, igual a Jesus. E, com lógica pascal, oposta à lógica do mundo. E por isso é escândalo e pedra de tropeço tornada pedra angular. É testemunha de que o impossível aos homens é possível a Deus. *Quem como Deus?* Aqui, e não nas Cruzadas medievais, vale o axioma que está no nome mesmo do guerreiro angélico São Miguel. *Quis ut Deus?* É possível afirmar que Tiaraju combateu o bom combate (Cf. 2 Tim 4, 7-8).

São Sepé, como já foi mencionado, tem elementos lendários, assim como têm Santo Antônio, São Francisco, Santa Joana D’Arc, São Sebastião, ou mesmo a Virgem Maria em alguns de seus títulos mais belos. Esse dado, ao invés de depor contra sua história ou criar dificuldades para o reconhecimento de sua real santidade, se torna um “rastro” na busca de correta interpretação da pessoa de carne e osso que lhe está na origem. A narrativa simbólica, mítica, exige uma cuidadosa hermenêutica, a mesma que se aplica aos anjos cantando na noite de Belém, a Jesus andando sobre as águas, ao aparecimento de Jesus ressuscitado no cenáculo e no caminho da Galileia: ele é um critério canônico de interpretação da linguagem simbólica-mítica que diz mais do que a mera historiografia, linguagem da memória que produz sempre de novo a história dos que não estão contemplados na história dos vencedores. Mas há mais informações históricas sobre a pessoa de Sepé Tiarajú do que, por exemplo, do beato Juan Diego,

³ Cf. o ensaio de Nivaldo Pereira, *Deus morto no Pampa: um olhar sobre a cultura gaúcha a partir da religiosidade no mito fundador* (Caxias do Sul: Biblioteca Pública Municipal Dr. Demétrio Niederaurer, 2008). Neste ensaio o jornalista e mestre em Letras toma *O Continente*, primeiro volume de *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, onde localiza o “mito fundador” da cultura complexa, conflitiva e cheia de aparentes incoerências do Rio Grande do Sul. Recorre a três referências para ajudar nessa rica e instigante interpretação: Nietzsche, Jung e o próprio Veríssimo. Segundo Nivaldo Pereira, no rastro de Jung, há uma recriação de um passado mítico perdido nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), onde a ferida mortal é ora enfrentada e ora encoberta de forma sobranceira pela manutenção ritual e literária da “Querência”. Ali até Deus se dobra ou é suplantado pelo gaúcho. A meu ver, o CTG tem algo da Casa de Religião afro, especialmente do Batuque/Candomblé, para a condição dos afrodescendentes nas Américas.

o vidente de Guadalupe beatificado por João Paulo II, ou mesmo de alguns santos do santoral e do martirologio cristão. Sobre ele e sobre os acontecimentos que o envolveram até sua morte, há historiadores contemporâneos a ele ou imediatamente posteriores que dão suas versões dos fatos mas convergem todos na admiração da virtude de Sepé, reconhecida inclusive por inimigos.⁴

Pode-se facilmente inferir que o incômodo mais ou menos persistente na consideração oficial de sua santidade está também na perturbação que provocam figuras proféticas: morrendo sob os interesses que continuam, essas figuras proféticas também continuam, como memória, provocando o incômodo que eles provocaram em seu tempo. Um exemplo muito atual é Dom Oscar Romero, assim como foi no começo da colonização da América a figura de Bartolomeu de Las Casas, e no nordeste brasileiro o Padre Cícero. Suas memórias continuam a gritar. Aqui se trata da memória do “mais belo florão dos sete povos”, daquele momento histórico incomparável reconhecido até pelo anticlerical Voltaire como “grande triunfo da humanidade”, o mais feliz momento da evangelização dos povos originários das Américas, que, de resto, foi uma evangelização manchada pelo genocídio e pela escravidão, pelo extermínio cultural e espiritual, diante do qual o Papa Francisco,

como já tinha feito João Paulo II, reiterou pedido de perdão por parte da Igreja.

É importante lembrar que Sepé Tiaraju foi cristão desde seu nascimento, cristão ao menos de terceira geração, com pais e avós católicos, educado com esmero desde criança pelos padres jesuítas na cidade de São Miguel, falando, além de sua língua materna, espanhol e um pouco de latim, demonstrando-se apto a ser eleito, como de fato foi, e confirmado pelos padres missionários, “corregedor” de São Miguel, o que hoje poderíamos interpretar como líder máximo, prefeito, juiz, presidente da câmara – do *cabildo* – e, portanto, realmente encarregado da vida de uma comunidade que abrangia alguns milhares de membros. O título de patrono dos prefeitos lhe cabe bem.

José Tiaraju, em sua responsabilidade máxima, sofreu com o seu povo o decreto de desterro ou morte nas negociações do Tratado de Madri, de 1750. O que era uma negociação de fronteiras e benfeitorias para as grandes potências coloniais, para os guaranis, ainda que fossem cristãos católicos, súditos do rei, vivendo em paz em suas cidades e em suas terras, nas terras da memória de seus antepassados, tal tratado era decreto de morte de milhares de inocentes. Somente alguns padres, mas nem todos, poderiam ainda cogitar que haveria alguma chance, ainda que difícil, na mudança para a outra margem do rio, mesmo

⁴ Há, por exemplo, o precioso relato histórico do jesuíta Pe. Tadeo Xavier Henis, contemporâneo que acompanhou de perto os dolorosos fatos da derrota das missões, texto em espanhol: *Diario Historico de la Rebelion y Guerra de los Pueblos Guarani, situados en la Costa Oriental del Rio Uruguay, del año de 1754*. É uma versão ao espanhol, de 1836, do texto latino: *Versión castellana de la obra escrita en latín por el P. Tadeo Xavier Henis*, muito ilustrativa para reconhecer a seriedade historiográfica dos acontecimentos que envolveram Tiaraju. É o caso, também, do jesuíta contemporâneo aos fatos, secretário da província do Paraguai, Juan de Escandón, em sua monumental *História da transmigração dos sete povos orientais* (São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1983). O livro é interessante porque, como apologia dos jesuítas ameaçados pelos poderes políticos, Escandón trata os guaranis como “terceiros” na relação entre os jesuítas e os senhores da política, tanto portugueses como espanhóis. Desta forma fica clara a sua imparcialidade por seu desinteresse em termos apologéticos em relação aos índios, o que dá mais autoridade às informações realistas a seu respeito, incluindo especificamente Sepé Tiaraju; do lado português há Basílio da Gama: contamos com seu poema épico *O Uruguay*, que também, por ter uma leitura portuguesa, dá mais autoridade às informações elogiosas a respeito de Sepé Tiaraju e sua causa.

sabendo segundo Escandón, que já não havia terra “realenga” disponível do outro lado. Mas era pior para os guaranis, que só conheciam aquelas terras de seus antepassados e na qual tinham todo o seu mundo, inclusive o que tinham de mais sagrado, a sepultura de seus antepassados. Os chefes guaranis não podiam aceitar a tergiversação de alguns missionários, pois isso seria alta traição aos seus povos e às suas responsabilidades. É comovente ler as cartas hoje disponíveis, datadas de 1753, dos chefes guaranis de cada cidade ao governador de Buenos Aires sobre a reação, o impacto, o pedido sensato de reconsideração, e a forma religiosa, respeitosa, insistente, com clara exposição de motivos indeclináveis, das suas cartas. E, diante da absoluta negativa, a sua firmeza com motivos fortemente justificados. Eles fizeram como Santo Agostinho: até que tivesse uma alma sob seu cuidado, mesmo com os riscos da invasão bárbara, o bispo devia permanecer.⁵

Ou como o bispo finalmente reconhecido como santo e mártir já referido acima, Dom Oscar Romero: mesmo tendo o convite de Dom Pedro Casaldáliga para vir um tempo ao Brasil enquanto estivesse tão ameaçada a sua vida, decidiu permanecer com seu povo que sofria as arbitrariedades e mortes infligidas pela ditadura. Ou também como Ir. Dorothy Stang, o anjo da

Amazônia, que preferiu continuar ajudando o povo a se organizar na floresta, mesmo sob a ameaça de morte por parte dos grileiros, até ser morta, de fato, por dois pistoleiros, abraçada à Bíblia. Assim o corregedor Tiaraju partiu por primeiro, quando todos os recursos de diálogo estavam esgotados, para confrontar os dois exércitos que já entravam em suas terras. Tratava-se do último recurso na resistência e na proteção da vida de seus povos, já a única possibilidade em seu horizonte.

Assim, segundo documentação, tanto espanhola como portuguesa – e o próprio épico de Basílio da Gama, *O Uruguay* – o líder de São Miguel, em meio às reiteradas tentativas de negociações, apresentou-se para uma última tentativa de dissuasão em Rio Pardo, onde já se encontrava o general Gomes Freire de Andrade com o propósito de tomar as cidades guaranis. Tiaraju tinha estado antes em Santa Tecla para negociar o recuo dos espanhóis. As conversações, logicamente, fracassaram. Ao corregedor e seus companheiros de São Miguel e das demais cidades restou o caminho da defesa em total desproporção de forças. Os diversos documentos, espanhóis, portugueses e do Pe. Henis coincidem no essencial da morte de Sepé e do massacre indígena.⁶

Escandón descreve o que se encontrou entre os em torno de 1500 guaranis

⁵ Na verdade, a tomada das missões foi mais grave do que as invasões bárbaras no norte da África: Genserico e os vândalos já eram cristãos, embora arianos, ao chegarem ao norte da África, e o que se deu foi um embate com o modo do império romano governar a região, o que explica porque a população constituída de servos, de escravos e trabalhadores daquela região, se sentiu mais confortável com a “paz vândala” do que com a “paz romana”. Mas a versão triunfante, passado o século de ouro do reino vândalo, foi a versão romana. E “vândalo” passou a significar o pior tipo de bárbaro, o destruidor. Aqui, ao contrário, o povo guarani cristão era diretamente ameaçado em suas próprias cidades, e, afinal, derrotado pelos interesses dos dois impérios coloniais, que deram depois as suas versões. (Cf. para o acontecimento que envolveu Agostinho: GOURDIN Henri, *Genserico, soleil barbare*. Paris: Méditerranée, 1999).

⁶ Os documentos podem ser lidos facilmente em: OLIVEIRA José Roberto de, *Pedido de perdão ao triunfo da humanidade*. A importância dos 160 anos das Missões Jesuítico-Guarani. Porto Alegre: Martins livreiro, 2011 (2ª edição), p.125-147.

abatidos facilmente pelos dois exércitos em 10 de fevereiro de 1756, na localidade de Caiboaté, estância guarani da antiga São Gabriel, da missão dos Tapes destruída pelas incursões predatórias dos paulistas: eles tinham, junto a seus corpos perfurados, imagens de crucifixos, os nomes de Jesus, de Maria e dos santos inscritos em papéis, para que os santos de Deus fossem protetores contra os que vinham tornar impossível a vida de suas famílias⁷: *Gloria victis!*

Esses fatos mostram em São Sepé, o Tiaraju, um homem que buscou a paz e se encontrou em meio a contradições que decretaram o esmagamento de seu povo, com dois impérios coloniais normalmente em conflito agora unidos para expulsar – este é o verbo afinal utilizado - os guaranis destas suas cidades. Em nome de seu povo ele se levantou utilizando a autoridade moral e religiosa que lhe foi ensinada, com a consciência de que aquelas terras eram o espaço de vida dado pelos antepassados, por Deus e por seus santos patronos, cujo dever de consciência era defender, ainda que isso implicasse a morte. Por isso pode ser realmente comparado a Santa Joana D’Arc e São Luís IX, rei da França. Com alguma vantagem e maior clareza do que os dois grandes santos da identidade católica francesa por ser a sua missão mais clara e com menos ambiguidades, inclusive as suas possibilidades e as suas intenções ou os efeitos colaterais mortais das suas ações na dolorosa decisão do que podemos classificar como “mal menor”, o uso de armas.

A principal injustiça durante os séculos que se seguiram não se deve ao fato de interpretar sua luta diminuindo-a por ser um

líder de uma guerra ou de uma cruzada, como afinal foram os santos franceses, pois facilmente se enquadra no que a encíclica *Populorum Progressio* chama de ofensa grave aos direitos fundamentais da dignidade da pessoa e do bem comum que justifica uma insurreição justa (Cf. PP 31). A verdadeira injustiça posterior foi um agravante: o triunfo da historiografia oficial e a repressão das origens indígenas e da contribuição africana na formação do Rio Grande do Sul. Com o “branqueamento” das migrações europeias houve o “silenciamento” a respeito da grande maioria de descendentes indígenas e africanos que sobreviveram até nossos dias e jazem nas periferias da civilização hegemônica neste sul do Brasil ainda em dívida e má consciência com sua história.

O reconhecimento da santidade de São Sepé é um clamor de justiça seja a ele seja aos descendentes do povo por quem ele deu sua vida de forma extrema, com seu sangue, sob o ódio à justiça e sob o triunfo do poder injusto e sanguinário. Trata-se de um gesto de oferta de redenção aos próprios causadores e de todos os que vivemos nesta terra que ainda maldiz Caim por causa do sangue de Abel derramado nela, maldição que se perpetua através da turbulência da identidade gaúcha fragmentada e conflituosa. Trata-se também de um gesto de justiça, ainda que tardia, aos descendentes dos povos originários que até hoje jazem espoliados por nós outros que aqui moramos com má consciência todos esses séculos, reprimindo a verdade da nossa história riograndense.

Como Igreja *Católica*, trata-se de reconhecer que os guaranis foram católicos

⁷ ESCANDÓN, *Opus cit.*, p. 307ss.

antes de nós nesta terra – Tiaraju é de terceira geração de católicos nativos - e que foi um santo católico aquele que deu sua vida por seus irmãos, cumprindo assim o maior mandamento no seguimento de Jesus até a cruz. Por isso, também, trata-se de reconhecer um verdadeiro “mártir” *propter odium justitiae* como foi o próprio Jesus. De fato, Jesus só indiretamente foi mártir por causa da sua fé, ou seja, por causa da forma como ele testemunhava Deus em si. Diretamente, foi mártir porque foi executado sob os poderes do seu tempo por causa de sua ação pela justiça do Reino de Deus, por suas opções e suas confrontações.⁸ Como Jesus não podia trair sua missão e voltar atrás em Jerusalém, São Sepé não podia trair a sua condição de corregedor e por isso administrador, juiz e defensor político de seu povo em todas as circunstâncias, algo que também ocorreu a São Luís ou Santa Joana D’Arc, como já sinalizei acima, ao se encontrarem em meio a contradições e violência incontornável. E, no entanto, mais transparente do que na complexa ambiguidade em que aconteceram as cruzadas numa das quais morreu o santo que deu fisionomia ao catolicismo francês medieval ou sob os interesses políticos de França e Inglaterra, com os bispos divididos e alcançados pela corrupção de então, no caso de Joana D’Arc. A “caridade política” – expressão que vem acompanhando o ensinamen-

to dos papas desde Paulo VI - se radicalizou em Sepé Tiaraju na exposição de sua vida e em sua morte trágica como máxima figura das missões. Os Estados Unidos, com menos do que isso, tem sua santa indígena e seu santo missionário reconhecidos.⁹ Aqui há um mártir.

Para a Igreja Católica o processo de reconhecimento de virtudes heroicas e santidade de São Sepé, José - o Tiaraju, certamente será (ou apenas “seria”?) ocasião de uma nova evangelização, de certo modo mais profunda e autêntica por recuperar aspectos que ainda clamam por justiça, pois se trata de segmentos populares indefinidos mas reais e presentes em grandes maiorias, com faces e nomes, que andam em ônibus de periferias, fazem uma porção enorme dos trabalhos braçais e serviços subalternos ou – os que ficaram fora – que ainda jazem à beira de estradas, eles que, naquele paraíso perdido, em seu *Tekohá*¹⁰, seu “ambiente de vida” na república missionária, podiam fazer cantando seus trabalhos comunitários no *Tupãbaê*¹¹, segundo cartas da época. Na cultura e no biótipo gaúcho, - nos traços do rosto, na cor da pele e do cabelo preto e liso - além do negro, afrodescendente, está em grande abundância miscigenado o descendente do indígena originário – é algo tão óbvio no cotidiano social, na antropologia visual do povo rio-grandense, que, exatamente por isso e por mecanismos vários de

⁸ Cf. SOBRINO Jon, Los mártires jesuánicos em el tercer mundo. In: *Revista latino-americana de teología*. Nº 48, sep-dic. 1999, p237-255.

⁹ Trata-se de Catarina Tekakwitha, uma indígena “pele-vermelha” que viveu no século XVII, e agora Junípero Serra, missionário nas reduções da Califórnia. Não faltaram questões polêmicas em ambos os casos, como o de Juan Diego de Guadalupe.

¹⁰ *Tekohá* (ou *Tekoá*) é o espaço vital da aldeia, incluindo seu território, suas famílias, seus antepassados, seu modo de vida. Fora do *tekohá* não há salvação, como *extra Ecclesia nulla salus*.

¹¹ *Tupãbaê* é o modo de produção, de trabalho e de manejo do território de forma comunitária, normalmente em *mutirão*. Nas cartas anuais, que eram relatórios dos jesuítas aos seus superiores na Europa, observavam que aos guaranis era comum trabalhar cantando.

defesa, não se toma a devida consciência do óbvio. Em termos religiosos, esse descendente inumerável não consegue se identificar com a Igreja Católica - nem açoriana e nem romanizada das culturas de migração europeia - por razões culturais e até afetivas óbvias. O lugar que atualmente mais lhe acaba correspondendo em alguma comunidade cristã parece ser o das pequenas comunidades pentecostais, quando, na verdade, nas origens estava já sob o cuidado evangelizador da Igreja Católica e contava com gerações de católicos em cidades pujantes para o período. Em que erramos? Em que continuamos errando? Em que queremos continuar a errar ou afinal acertar?

Seremos capazes realmente de uma honesta e coerente “evangélica opção preferencial pelos pobres”? – Pergunta crucial para uma pastoral e uma teologia libertadora. Essa pergunta vai diretamente ao nosso santo, Sepé Tiaraju: o reconhecimento de sua santidade – servo de Deus e servo do povo de Deus de então – podem

ser um sinal de recomeço, a nova e justa evangelização em relação à multidão de gaúchos “peões” – gaúchos “em pé” em ônibus de periferia, de descendência indígena e que permaneceram calados e envergonhados, *desidentificados* da Igreja que os ignorou e deve-lhes justiça e oportunidade de voltar à alegria do evangelho e da comunidade eclesial com seus rostos, sentimentos e cultura. Não é suficiente, como advertiu o descendente missioneiro Pedro Ortaça, cuidar dos monumentos como fonte de turismo e de memória, embora o turismo religioso seja hoje uma ocasião preciosa de evangelização. É que há descendentes do povo de São Sepé Tiaraju clamando reconhecimento, estima e pão.¹² Conhecer melhor Sepé Tiaraju, com honestidade hermenêutica, pode ser uma oportunidade de recomeço, de conversão, de nova evangelização. E pode ter como eixo estimulante o interesse pelo processo de reconhecimento da santidade, do martírio, de um grande cristão que deu sua vida por seus irmãos nas origens do Rio Grande do Sul sob o embate de dois

¹² Veja-se o que o payeador missioneiro Pedro Ortaça canta:

Sou o que os historiadores
Procuram lá nas ruínas
Mas não sabem os doutores
Que esta saga não termina
Que ainda restam descendentes
Da terra dos sete santos
E o passado está presente
Em tudo aquilo que canto

Não sabem que a esses escombros
Ainda sirvo de escora
E que carrego no ombros
Trezentos anos de história
Podem pensar que sou louco
Mas eu comprovo na estampa
O que hoje somos poucos
Os fósseis vivos da pampa

Sou filho dos sete povos
Tenho sangue de Sepé
E tudo que digo eu provo

Com juramento de fé
O meu legado é tanto
Nem carece explicações
E até no canto que canto
Ecoa a voz das missões

Guarany fui batizado
E agora pago minhas penas
Sob o símbolo sagrado
Da velha Cruz De Lorena
Porém não sabe que nada
A história do vencedor
Que a lança fez-se guitarra
E o guerreiro payador

Pra manter viva a memória
As pedras ganharam nome
E transformaram em história
O que resta desses homens
Pois mais vale a carcaça
De um templo quase no chão
Que os descendentes da raça
Que vagam changueando pão.

impérios que, de inimigos entre si, se uniram contra o povo originário inocente, tal como Pilatos e Herodes. Tiaraju foi, afinal, um líder cristão e sinceramente católico, dizimado e calado pelos canhões de reinos equivocadamente cristãos e católicos.¹³ Dele o Rio Grande do Sul pode ganhar um passo importante de redenção da unidade na diversidade superando as exasperações dos confrontos que nos tornam continuamente duais e conflituosos. Absolvidos pela vítima, poderemos ainda nos orgulhar se fizermos agora o nosso dever, se retirarmos os equívocos e injustiças, redimindo assim os nossos próprios antepassados. Reconhecer a santidade não acrescenta nada ao santo, mas se torna um grande benefício à fraternidade universal na Comunhão dos Santos para a qual Jesus derrubou toda fronteira de raça, gênero, língua, nação, e até mesmo religião (Cf. Gl 3, 28; Ef 2, 14).

Além disso, as três primeiras Romarias da Terra foram realizadas justamente na data da morte de Sepé Tiaraju, sete de fevereiro, três dias antes da memória do massacre de Caiboaté, na terra de sua Páscoa, em São Gabriel. Tiveram a participação ativa de dois grandes bispos-profetas – Dom Tomás Balduino e Dom Pedro Casaldáliga. É que a memória de São Sepé Tiaraju não cessou de infundir uma mística típica de Reino de Deus para o movimento social,

popular e *religioso* ao mesmo tempo. Revela-se um potencial enorme de verdade e libertação, de agregação de energias de fé e esperança, em busca de uma vida justa segundo os desígnios divinos para o povo de nossa região, a começar pelos mais “pequeninos”, como convém.

Por isso, foi proposta a postulação, os procedimentos iniciais do processo oficial de reconhecimento de santidade por parte da Igreja Católica. O pedido, um escrito de justificação e motivação, com as assinaturas de inúmeros intelectuais, políticos, artistas, historiadores, padres, etc. entre as quais prefeito e governador, foi entregue ao bispo e à diocese que atualmente corresponde à região das cidades de São Miguel das Missões e de quase todas as demais cidades missionárias que sofreram o horror da guerra dos impérios contra elas, a diocese de Santo Ângelo. Dadas as objeções por parte do Conselho Presbiteral do clero daquela diocese às quais se juntaram objeções, hesitações e silêncio da maior parte dos bispos do Rio Grande do Sul – o que, aliás, é coerente com nossa compreensão acima - a proposta foi remetida à diocese onde foi derramado seu sangue, o lugar de martírio, uma opção prevista no ordenamento do processo nos casos em que a morte decide muito sobre a santidade, quando se pode considerar a hipótese de martírio. São

¹³ São Sepé é representado pela iconografia gaúcha como um bravo guerreiro a cavalo, assim como o Negrinho do Pastoreio. São representações paradoxais, que indicam mais uma vez a percepção pascal e a glorificação da vítima – *gloria victis*. O Negrinho, segundo a crença redentora do povo negro escravizado no RS, é o que reúne aquilo que foi perdido porque sofreu na sua pele negra e inocente por isso. São Sepé, além de poder ser o padroeiro dos prefeitos, como de fato já é invocado, representa bem a coragem que, segundo a interpretação rigorosa de Santo Tomás de Aquino, se comprova não só como virtude, mas como dom do Espírito Santo quando é exercida em situações extremas que comportam a morte: a coragem de morrer por uma causa justa ultrapassa a capacidade da virtude humana, só pode ser dom e sinal de Deus. Santo Tomás exemplifica não só com o caso do martírio. Para compreender melhor do que se trata, ele exemplifica com a batalha em que se é mais corajoso não quando se está avançando em terreno inimigo, mas quando se deve suportar e combater o inimigo na invasão do próprio terreno. Pois, prossegue o príncipe da escolástica, o inimigo que agride pode cessar enquanto o que defende deve manter, sem decisão própria, a continuidade de sua luta e de sua fortaleza – justamente, perfeitamente, o caso de São Sepé e de seus companheiros! Cf. Summa Theologica II, II q.123, a.6.

Gabriel, lugar em que foi morto Tiaraju, integra a diocese de Bagé. O bispo diocesano, Dom Gílio Felício, acatou imediatamente e apresentou pessoalmente o pedido ao Dicastério da Causa dos Santos, em Roma, que examinou e deu resposta positiva, o *nihil obstat* necessário para constituir a postulação e a comissão adequada de especialistas diversos a fim de examinar a documentação disponível e abrir processo diocesa-

sano segundo as normas estabelecidas pela Igreja Católica.¹⁴ Com o advento da pandemia houve uma interrupção temporária nas reuniões iniciais de uma comissão convocada pelo novo bispo que sucedeu a Dom Gílio na diocese de Bagé, agora Dom Frei Cleonir Paulo Dalbosco, mas o caminho está aberto. Para quem esperou quase trezentos anos, mais alguns serão como mais um dia.¹⁵

¹⁴ Sobre a seriedade da documentação, a título de exemplo, em parte já referido: *Diario Historico de la Rebelion Y Guerra de los Pueblos Guarani, situados en la Costa Oriental del Rio Uruguay, del año de 1754. Version castellana de Pedro De Angelis, de la obra escrita en latin por el P. Tadeo Xavier Henis, de la Compañia de Jesus. 1836 (p.87):* (...) Llegó corriendo a los españoles, que estaban emboscados detrás de las cabeceras llenas de bosque del Rio Vacacay, y esto, acometiendo con un numeroso escuadrón al sobredicho capitán, y á pocos de los suyos, como por defecto del caballo cayese en una fosa que habían hecho los toros, le rodearon ó cercaron, y también á algunos indios que iban corriendo al socorro del capitán; á quien primero con una lanza, y después con una pistola, mataron. Y habiéndole muerto, sus súbditos, aunque cercados, rompieron á fuerza los escuadrones del enemigo, y se pusieron en salvo, quedando muerto uno, si no me engaño, y otro herido: arrojaron el cuerpo ya despojado de todo, y como algunos dicen, lo quemaron con pólvora, mientras aun estaba espirando, y lo martirizaron (sic) de otras maneras. Enterraron (con los sagrados cánticos y himnos que se acostumbra en la iglesia, pero sin sacerdote) el cuerpo de su buen, pero muy arrojado capitán, en una vecina selva, habiéndole buscado de noche los suyos con gran dolor, a la medida del amor que le tenían (...). Fue de admirar cuanto cayeron de ánimo los indios con la muerte tan intempestiva de su capitán, en cuyo valor, prudencia y arte, tenían puesta toda su esperanza.

Cf. Também: CASTRO, Evaristo Afonso de, *O Gigante Missioneiro - Poemeto Histórico e Geográfico*, Rio de Janeiro, 1902. Em sua nota explicativa de número 17 (p. 96) diz: "José Sepé, general em chefe do exército Missioneiro, Cacique de grande fama, real prestígio e merecimento; foi fundador da Vila de São Sepé, e julgado Santo invencível pelos seus". (Ênfases nossas, provando a constância da percepção de que se trata de um santo matirizado). O livro foi premiado com a 'Medalha de Ouro' na exposição do Rio de Janeiro em 1908. Etc.

¹⁵ Apresentamos aqui a tradução do documento oficial latino emitido pelo Dicastério da Causa dos Santos em Roma:

Roma, 24 de abril A.D. 2017

Protocolo N. 3319-1/17

Excelentíssimo Senhor,

Em carta do dia 01 de fevereiro deste ano de 2017, Vossa Excelência pede se desde esta Congregação para a Causa dos Santos, da parte da Santa Sé, há algum impedimento à Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus José Tiaraju, dito Sepé, leigo cristão, que morreu no ano do Senhor de 1756.

Estudado o assunto, apraz-me notificar em resposta a Vossa Excelência, de parte da Santa Sé, nada obstar ("nihil obstaré") que em relação à Causa de Beatificação e Canonização do mesmo Servo de Deus José Tiaraju se possa realizar o processo, dando atenção às "*Normas para observar na Instrução Diocesana das Causas dos Santos*", documento publicado pela própria Congregação em 7 de fevereiro de 1983.

De Vossa Excelência devotado no Senhor,

Ângelo Card. Amato, S.D.B. – Prefeito

+Marcello Bartolucci, Arcebispo titular de Mevanien – Secretário

Ao Exc.mo e Rev.mo Senhor

Dom Gílio Felicio

Bispo de Bagé

Esclarecimentos que acompanham o documento oficial:

O título de Servo de Deus: se dá assim que a Causa começa, ou seja, assim que chega ao Bispo o pedido para realizar o Inquérito diocesana por parte do Postulador, que já pode qualificar a pessoa que propõe como “*Servo de Deus*”, portanto antes que o Bispo peça à Santa Sé, ou seja, ao Cardeal Prefeito da Congregação da Causa dos Santos, o *nihil obstat* para o Processo.

Protocolo do Dicastério: O pedido para o *nihil obstat* para o Inquérito diocesano para José Tiaraju, chamado Sepé (cujo número de protocolo é 3319 / 24.04.2017) foi assentado em 16 de fevereiro de 2017. Por parte da Congregação, o *nihil obstat* foi concedido no dia 24 de abril de 2017. Isso significa que o Bispo pode já instaurar com sua própria autoridade o Inquérito diocesano seguindo a normativa relatada na *Sanctorum Mater* (Cf. *site* Vatican.va, Congregação para a Causa dos Santos – n/t.). Quando o Inquérito na diocese está terminado, os atos são enviados a Roma, e então começa a fase romana da Causa. Este é o percurso que deve ser feito.